

A voz da mulher  
na poesia do  
Instituto  
Benjamin  
Constant

VENDA PROIBIDA

GOVERNO FEDERAL  
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
Dilma Vana Rousseff  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
José Henrique Paim Fernandes  
DIREÇÃO-GERAL DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT  
Maria Odete Santos Duarte  
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO  
Érica Deslandes Magno Oliveira  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
João Ricardo Melo Figueiredo  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS MÉDICAS  
E DE REABILITAÇÃO  
Marcia Lopes de Moraes Nabais  
DEPARTAMENTO TÉCNICO-ESPECIALIZADO  
Ana Lúcia Oliveira da Silva  
DIVISÃO DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO  
Naiara Miranda Rust

# A voz da mulher na poesia do Instituto Benjamin Constant

Benedicta de Mello  
Mayá Devi de Oliveira  
Virgínia Vendramini

**Organizadoras:**

Elcy Maria Andrade Mendes  
Maria da Glória de Souza Almeida  
Valeria Rocha Conde Aljan



Instituto Benjamin Constant  
Rio de Janeiro  
2014

Copyright ©  
Benedicta de Mello  
Mayá Devi de Oliveira  
Virgínia Vendramini

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação  
são de exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autores.

*Revisão*  
Bruna Maria Vasconcellos Trindade  
Hylea de Camargo V. F. Lima

*Projeto gráfico e editoração eletrônica*  
Ana Luísa Mello de Araújo  
Wanderlei Pinto da Motta

*Capa*  
Ampersand Design

*Fotos*  
Naiara Miranda Rust

V977 A voz da mulher na poesia do Instituto Benjamin Constant / Benedicta de Mello, Mayá Devi de Oliveira, Virgínia Vendramini. / Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2014.

96p. 23cm

Organização: Elcy Maria Andrade Mendes, Maria da Gloria de Souza Almeida, Valeria Rocha Conde Aljan.

ISBN 978-85-67485-11-9

1. Poesia. 2. Instituto Benjamin Constant. I. Mello, Benedicta de. II. Oliveira, Mayá Devi de. III. Vendramini, Virgínia.

Todos os direitos reservados para  
**Instituto Benjamin Constant**  
Av. Pasteur, 350 / 368  
Urca – Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
CEP 22290-240  
Tel.: 55 21 3478-4458  
Fax: 55 21 3478 4459  
E-mail: ddisec1@ibc.gov.br

## *Dedicatória*



2014, ano em que o Instituto Benjamin Constant comemora o seu centésimo sexagésimo aniversário, nós, ex-alunos desta Instituição, dedicamos a presente obra ao nosso primeiro grande líder brasileiro: José Álvares de Azevedo – a ele devemos nossa história, com ele tudo começou.

Impedido de estudar no Brasil por ser cego, Azevedo, com nove ou dez anos (não se sabe ao certo), foi enviado a Paris para instruir-se. A solidão, vivenciada em um país estranho, no entanto não o abateu. Concluiu o curso e retornou ao seu país, dividindo com os compatriotas cegos o seu saber: trouxe da Europa o Sistema Braille, o que, decisivamente, mudaria a trajetória educacional dos cegos.

A ti, José Álvares de Azevedo, externamos nossa eterna gratidão. Contrariando os ditames de uma sociedade preconceituosa, idealizaste e ajudaste a fundar, juntamente com Xavier Sigaud e o imperador D. Pedro II, em 1854, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant (IBC): primeira Instituição dedicada à Educação de cegos e deficientes visuais da América Latina.

Com muita audácia, porque acreditaste naquilo que pleiteavas, enfrentaste as autoridades, convencendo-as de que nós, cegos e deficientes visuais, éramos cidadãos, antes de sermos deficientes. Com igual reconhecimento, homenageamos também teus pais, que, com desprendimento, separaram-se de ti para que pudesses provar, a ti mesmo e à sociedade, que o cego não era improdutivo.

Nós, ex-alunos do IBC, reverenciamos a tua memória, fazendo uso de tuas próprias palavras, registradas na obra *O Instituto dos Meninos Cegos de Paris - Sua História e Seu Método de Ensino*, de J. Guadet, obra que traduziste do francês para o português e dedicaste a teu pai:

“Recebi também com este livro, a segurança de meu eterno e profundo reconhecimento, porque eu me lembrarei toda a minha vida que sem vós eu não teria sido nada, e que é por vós só, depois de Deus, que eu posso ser alguma coisa neste mundo. Vosso Filho Respeitoso e Obediente, J. A. D’Azevedo.”

Que o exemplo de Azevedo, marcado de forma indelével em nossas mentes e corações, seja bússola no caminho daqueles que trabalham em prol da Educação de cegos e deficientes visuais.

*Em nome dos ex-alunos do Instituto Benjamin Constant*  
Maria Salete Semitela de Alvarenga  
Setembro de 2014

## *Prefácio*



### Três mulheres, três vozes, três poetas

A poesia, desde os primórdios das manifestações literárias, traz em si uma aura de diafaneidade que a inclemência do tempo não consome nem obscurece sua essência cristalina.

Das longínquas canções dos trovadores primitivos, artistas populares, unem-se palavra e música, e a alma do poeta faz-se concreta, espargindo beleza pelos caminhos da nascente civilização humana. O canto e a lira, numa simbiose perfeita, fundem-se e gestam a mensagem, criando um novo elemento comunicacional que liberta emoções e expande o pensamento. Da oralidade do período ágrafo à escrita do período gráfico, a expressão verbalizada do homem alarga e aprofunda, adquirindo múltiplos perfis, que a linguagem artística, como firme e refinado cinzel, esculpe ideias e corporifica sentimentos que afloram das mais recônditas instâncias do espírito e do intelecto.

No percurso evolutivo da literatura, o texto poético cumpre a função de externalizar o belo, amparando-se na estética, no filosófico, no social, no humanístico. Exprime, com igual força criadora, o profano, o épico e o lírico; o erótico e o amoroso; o real e o imaginário.

A poesia é a palavra que se reveste de sentidos caleidoscópicos. As realidades internas explodem em representações várias, significações que imergem e emergem do inconsciente, revelando estados emocionais que se põem como oráculos a serem

decifrados. Entretanto, ainda que a temática abordada tenha feições assemelhadas, a subjetividade do poeta engendra formas únicas para expressar, por meio do **eu** absoluto, seu sentir e sua visão de mundo.

Brilho e obscuridade, luz e sombra, vida e morte, encontros e desencontros, amores e desamores ganham contornos particulares em cada época, em cada Escola literária, em cada artista. O universo poético não fica circunscrito apenas aos ditames meramente linguísticos. A expressão literária tem como aporte material a língua que constrói estruturas textuais, meios palpáveis que nos colocam frente aos desafios de interpretar o dito e o não dito; o intencional e o fortuito; a catarse e a reflexão.

A antologia que ora apresentamos aos amantes da arte de escrever mostra-nos o talento de três grandes poetas. Dos 60 poemas selecionados, ecoam as vozes de três mulheres que pertencem a gerações diferentes, que possuem discursos diferentes, contudo, estão unidas pelo elo inquebrantável de uma extraordinária sensibilidade.

A produção poética das três escritoras reflete quão diverso é o contexto expressional de cada uma delas. Faz-se imperativo, portanto, mergulharmos nos seus versos para senti-los, entendê-los e amá-los.

Os poemas de Benedicta de Mello transbordam sentimentos densos e graves. Sua palavra é firme e direta. Intensa e sem reservas, deixa fluir sua poesia como rio caudaloso que não teme obstáculos; o rio corre e leva a água viva de sua vocação, transformando-a em arte. Seu verso é simples, mas profundo. Traduz fortemente a alma feminina. Longe de lançar mão de escamoteamentos, fala das dores do amor, do abandono e do esquecimento do homem amado, da vergonha de ter sido traída. Mas fala também da infância pobre e livre em Pernambuco, da mãe e de seus anseios mais íntimos.



Benedicta de Mello é a poesia em sua essência mais pura: extravasamento de emoções, plasticidade da linguagem, ritmo e musicalidade na escrita. Seu texto está nos moldes tradicionais, todavia, isso não lhe rouba a importância e o senso artístico. Benedicta de Mello tem uma personalidade poética.

O encontro com a poesia de Mayá Devi de Oliveira revela-nos toda a delicadeza de sua expressão literária. Mayá é uma artista, na acepção mais profunda do termo, sensível, ardente, poeta por excelência. Seus poemas guardam a leveza de sentimentos mais verdadeiros. Mesmo ao abordar os desencontros do amor, ela faz com ternura e elevado grau de sensibilidade.

O amor, as relações malogradas, os desejos reprimidos, a natureza dúbia da paixão que impõe êxtase e dor mesclam-se na temática recorrente dos seus textos. Sua palavra esvoaça por sobre as ideias que se transformam no belo.

A mensagem poética de Mayá centra-se no sentimento amoroso que lhe serve de mote e de elemento discursivo. Dona de um extremo domínio da língua, seu texto é primoroso, original e irrepreensível nos aspectos concernentes à forma e ao conteúdo.

Emoção e ímpeto criador forjam a obra de uma escritora que se abre ao apelo da arte e nela encontra sua raiz feminina e a converte em bálsamo para seus desconfortos, libelo para suas revoltas, enleio para o refrigério da alma.

Os versos de Mayá Devi de Oliveira não espelham somente criatividade ideativa, impacto emotivo, estrutura estética impecável. Seus versos transitam, elegantemente, entre o tradicional e o moderno sem que haja a quebra do encanto natural do dizer poético ou a queda da qualidade do texto literário.

Virgínia Vendramini tem a dicção poética do seu tempo. A contemporaneidade entranha-se no seu texto.

O espaço da poesia nos dias correntes não admite cercas que delimitam ideias, setas que indicam caminhos preestabelecidos, postulados que preconizam o cerceamento da liberdade de expressão. A literatura contemporânea vive um momento de inespecificidade. Assim, a poesia pode manifestar-se fora dos pressupostos proclamados nas obras canônicas da literatura do passado. Não precisamos eleger temas nobres, não necessitamos trabalhar sob as normas rígidas da métrica tradicional nem dos esquemas rítmicos de outrora. A poesia concentra-se no ideário proposto pelo artista que desenvolve pensamentos e exprime estados psíquicos, visão social, posturas ideológicas. A expressão literária precisa ser livre para tornar-se efetiva e buscar na criatividade de cada artista a conjugação exata da palavra como a maneira de sua veiculação, fazendo-a mensagem.

Nos seus versos, Virgínia mantém o ritmo frasal, que confere à escrita a musicalidade própria ao texto poético. Sem métrica e rimas, seus poemas não sofrem a perda do cunho poético. Vê-se o inverso, o caráter artístico que perpassa todos os seus escritos, garantem-lhe a posição de grande poeta.

A análise existencial, as premências internas, o enfrentamento da realidade são reflexões encontradas em seus textos. Reflexiva e contundente, a poeta se mostra por meio do seu talento e capacidade de expressar conceitos, emoções e sentimentos.

A poesia de Virgínia Vendramini nos conduz ao centro de uma reflexão extremamente importante: a poesia repousa no espírito do homem, não está nas coisas que o rodeiam. A poesia prende-se à elevação da linguagem e não ao enclausuramento formal, composições e gêneros literários, que por muitos séculos a aprisionou.

Virgínia representa a contemporaneidade com qualidade.

Ao organizar esta antologia, o Instituto Benjamin Constant reverencia o talento poético que é registro irrefutável da história cultural da Instituição. Desde o século XIX, sucederam-se poetas que, a seu tempo e desenvolvendo-se em diversas vertentes literárias, fixaram os pilares de uma tradição que se perpetua e chega até a atualidade. Nas comemorações dos 160 anos de criação deste Instituto, decidimos trazer a público a poesia de três mulheres tão diferentes entre si, mas que, no entanto, simbolizam a força feminina que, por longos períodos histórico-sociais, ficou à margem da cena principal e, muitas vezes, escondida por revelar valores que não se compatibilizavam com a ordem vigente.

*A voz da mulher na poesia do Instituto Benjamin Constant*, esperamos que seja um livro não apenas de homenagem a uma data que nos é cara, mas também a prova cabal da excelência artístico-cultural que permeou sempre as ações encetadas e desenvolvidas desde o Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

São três artistas maiúsculas.

São três vozes superlativas.

Benedicta de Mello – a voz agreste que se desentranha dos cantares nordestinos; cantares que se originam dos cantadores cordelistas que vivem na memória coletiva do povo. Sua poesia é espontânea, natural. Sua poesia é água da nascente que brota na natureza dadivosa que se doa humilde sem nada pedir.

Mayá Devi de Oliveira – a voz onírica que nos remete ao elemento romântico naquilo que ele tem de melhor. Seus versos condensam a sensibilidade de sua alma. Na efervescência do espírito de sua arte, sentimentos antitéticos se mesclam e fazem o encanto do seu texto. Brandura e energia; força e fragilidade; temor e coragem; doçura e decisão. A poesia de Mayá Devi de Oliveira põe à mostra o complexo e mágico universo interno da mulher.

Virgínia Vendramini – a voz reflexiva que abre para nós os meandros da poesia contemporânea. Penetrando em suas vias, percebemos como a arte, utilizando-se do belo e do estético, vai além do próprio texto. A poesia de Virgínia toca nas feridas da existência. Como Don Quijote de La Mancha que combatia, em sua “loucura santa”, os gigantes e monstros fabulados por sua imaginação e visão cavaleiresca, a poeta reflete sobre os gigantes e os monstros do cotidiano e nos faz ver os “moinhos de vento” do homem contemporâneo. O medo, a solidão, o egocentrismo que esvaziam a alma e provocam o hermetismo dos sentimentos.

São três vozes. São três mulheres que se eternizam e são guindadas à história do Instituto Benjamin Constant por seu talento e arte.

Maria da Gloria de Souza Almeida  
Setembro de 2014

## Apresentação



A palavra é o sustentáculo do pensamento.

Faz-se eterna quando utilizada para expressar sentimentos, reflexões e arte, trazendo o brilho à ideia e incitando ao sonho.

Como signo de comunicação, a palavra embasa a mensagem, cristaliza conceitos estéticos, sedimenta comportamentos artísticos e registra épocas diversas.

A poesia se serve da palavra, buscando nela a essência pura do espírito.

A palavra “poesia” tem origem no termo “poiesis” entendido como o “belo” que há nas coisas. “Poiesis”, por sua vez, deriva etimologicamente do grego e significa “criar”.

*A voz da mulher na poesia do Instituto Benjamin Constant* é um livro que trará ao leitor os elementos do acervo cultural de uma Instituição que conta, desde os primeiros anos, com personalidades competentes e sensíveis.

A presente antologia, que contém 60 poemas de três poetisas, todas importantes mulheres que se destacaram na trajetória da Instituição, é um livro que integra as comemorações dos 160 anos de sua fundação.

Benedicta de Mello, Mayá Devi de Oliveira e Virgínia Vendramini demonstram em seus poemas a força e a sensibilidade, o amor e a luta dessas três mulheres que doaram aos leitores, não só de sua época, mas a toda e qualquer pessoa, independentemente do tempo, a fruição do belo.

Assim, cada poema desta antologia traz como marca a originalidade de suas autoras.

O Instituto Benjamin Constant, nesses 160 anos de existência, traz marcas importantes por meio de personalidades que contribuíram para o crescimento humano e cultural das muitas gerações que nele encontraram o caminho da promoção intelectual.

Esta Antologia é mais um legado que permanecerá na história de nossa Instituição.

Rachel Maria Campos Menezes de Moraes  
Julho de 2014

## Sumário



### *Benedicta de Mello*

A poesia .....	19
A cidade de Vicência .....	20
Meu quarto de banho .....	21
Mãe .....	22
Um presépio .....	23
Bendito encontro .....	24
Evangelho negativo .....	25
Alma ferida .....	26
Sempre a saudade .....	27
Confissão .....	28
O coração e os olhos .....	29
O algodoeiro .....	30
As duas gotas .....	31
Cartas .....	32
Aparência .....	33
A gravata .....	34
Abandono .....	35
Deixa-me só .....	36
Escondida .....	37
Vergonha .....	38

### *Mayá Devi de Oliveira*

Desejos .....	41
Embaraço e controle .....	42
Perguntas e respostas sobre uma união frustrada .....	43
História de uma palavra .....	44
Súplica .....	45
Natureza piedosa .....	46
Defesa religiosa .....	47
Pedidos .....	48
Não ser banal .....	49

És sempre igual . . . . .	50
Suprema saudade . . . . .	51
Você também não sabe o que é ternura . . . . .	52
Juramento de um instante . . . . .	53
Intimação . . . . .	54
Diferença . . . . .	55
Cuidados . . . . .	57
Capricho . . . . .	58
Pequena confissão negativa do poeta . . . . .	59
Medos . . . . .	61
Amo-te . . . . .	62

*Virgínia Vendramini*

Pontes . . . . .	65
Plenitude . . . . .	66
Biografia de um brasileiro . . . . .	67
Custos . . . . .	68
Magia das mãos . . . . .	69
Poema lúcido . . . . .	70
Poema perplexo . . . . .	71
Réveillon . . . . .	72
Adriano . . . . .	73
Poema para quem vai partir ou Último aniversário . . . . .	74
Retratos de uma cidade . . . . .	75
Avesso . . . . .	77
O melhor licor . . . . .	78
O maior momento . . . . .	79
Deo gratias . . . . .	80
Todas as mães . . . . .	81
Visita de Natal . . . . .	82
O deus de todos nós . . . . .	83
Tudo o que não há mais . . . . .	84
Declaração de bens . . . . .	85
Mercador de raridades . . . . .	86

*Biografias*

Benedicta de Mello . . . . .	89
Mayá Devi de Oliveira . . . . .	91
Virgínia Vendramini . . . . .	93



*Benedicta de Mello*





## A poesia

A poesia é dos anjos o falar.  
Muito mais diz ao se manter calada.  
A quem não sabe ouvi-la, não diz nada;  
só responde a quem sabe perguntar.

Voz do céu, voz da terra, voz do mar,  
possui a natureza por morada;  
está no pranto, está na gargalhada,  
de tudo é feita e em tudo pode estar.

É linguagem das almas escolhidas,  
que se buscam no afã de consegui-la  
dentro dos sonhos róseos de outras vidas,

mas só os que amam podem percebê-la...  
pois é preciso amar para senti-la  
e é preciso sentir para entendê-la.

## A cidade de Vicência

Minha cidade pobre, pequenina!  
Virgem rezando aos pés do Siriji,  
é simples como as flores da campina.  
Bendita sejas, terra, onde eu nasci!

Quando a luz matinal fecha a bonina,  
olhas o Sol; e o Sol cheio de si,  
beija-te a silhueta alta e franzina.  
Bendita sejas, terra, onde eu sofri!

Amo-te assim, humilde e comprimida,  
pelos mais poderosos explorada,  
sem pão, sem vestes, sem amor, sem vida.

É minha a tua dor; são meus os ais  
que os teus carros de boi deixam na estrada  
levando o sangue dos canaviais.

## Meu quarto de banho

O meu quarto de banho era um riacho,  
que atrás do meu casebre se estendia  
e ali formava um cristalino tacho,  
que a natureza, cuidadosa, enchia.

Ramalhada por teto, areia embaixo  
e paredes de palha luzidia,  
retirada ao coqueiro, ainda em cacho,  
onde insistente um bem-te-vi mentia...

O cabide era o tronco dos ingás,  
sobre pedras, nas margens embutidas.  
Que sabonete bom! Raspas de juás!

Esse rio em que virgem me banhei,  
por entre as tranças de cipó floridas,  
foi bem a pia em que me batizei.

## Mãe

Quando eu vivia em terra sertaneja,  
a minha mãe saindo me dizia:  
“essas árvores, filha, são igreja...  
os pássaros são tua companhia...”

Muitas serpentes em redor havia,  
denso urtigal que ainda ali viceja.  
Era sítio de vida malfazeja,  
que eu não sonhava e que ela não temia...

E conheci depois a Humanidade  
com seus frios instintos de maldade,  
envenenando tantas horas boas.

A minha mãe tinha razões prudentes  
para deixar-me perto das serpentes,  
mantendo-me afastada das pessoas...

## Um presépio

Ela sai, ela fica; está sozinha  
nesses dias de aurora rosicler.  
Espera um filho, arranja-lhe a roupinha...  
Como será feliz quando ele vier!

“Há de ser lindo!” diz “Se Deus quiser!”  
Beija-lhe o cinto, o cueiro, a camisinha.  
E de um belo regaço de mulher,  
vem para o mundo um ser; é já noitinha.

Chega o pai, da lavoura, e a mão calosa,  
põe na criança, pétala de rosa,  
que o fluxo de um amor deitou num lar.

De joelhos, junto aos dois, na mesma esteira,  
sob o langor da tarde brasileira,  
aquele homem grosseiro aprende a amar.

## Bendito encontro

Andei sem rumo pela vida afora,  
à procura de um Deus que, na verdade,  
me parecia estar na imensidade,  
aonde não chegam queixas de quem chora.

Perguntava insistente à humanidade,  
que em milhares de templos O adora:  
Esse Deus de quem falas, onde mora?  
E ela dizia: “Lá na Eternidade”.

O Evangelho do Cristo, pela voz  
dos que O viram, aponta Deus em nós.  
Li, entendi, vi que chegava ao fim.

Ajoelhei-me ante o altar da consciência.  
Eu que O busquei durante uma existência,  
encontrava-O, afinal, dentro de mim.



## Evangelho negativo

Muitos anos ouvi, sempre descrente,  
que Deus é sábio, bom, justo, perfeito;  
que ao mau arrependido dá direito  
ao mesmo bem que é dado ao inocente.

Ao que não se arrepende no presente,  
depois da morte já não dará jeito;  
o mal que ambos fizeram, ficou feito,  
mas um goza, outro sofre eternamente.

Hoje, que tenho n'alma entronizada  
a imagem de um só pai clemente, vivo,  
eu sentencio a custo, inconformada,

perante esse evangelho negativo:  
melhor, parece a mim, não crer em nada,  
que crer num ser injusto e vingativo.

## Alma ferida

Eu era pequenina e não esqueço  
que no auge do brincar me machucava;  
e, por causas que agora só conheço,  
apenas minha mãe eu procurava.

Fingindo dar-me aos gritos grande apreço  
ao ver tola a razão por que eu chorava,  
lembro-me bem - e como lhe agradeço! -,  
ela soprava leve... e a dor passava.

Hoje, quando um ingrato me atormenta,  
pisando-me com pés que eu hei lavado,  
toda a minha alma em chagas se arrebenta.

E terei de sofrer muito na vida,  
pois não existe sopro delicado  
capaz de me curar a alma ferida.

## Sempre a saudade

Tudo se esvai, deforma ou se espedaça.  
Desaparece a crença no futuro;  
foge a recordação de uma desgraça;  
a luz se afasta e dá lugar ao escuro.

Sempre evoluindo para ser mais puro,  
perece o caçador após a caça,  
porque nada na vida está seguro;  
porque dizer “existe”, é dizer “passa”.

Esmagam-se com força de vontade,  
o ideal, o sonho, o gosto, a liberdade.  
Tudo se torce ou desfigura ou trunca.

Para o aniquilamento há sempre jeito.  
Estrangula-se o amor dentro do peito,  
mas a saudade não se acaba nunca.

## Confissão

De cem ovelhas, cada qual mais branca,  
apenas eu fui que saí fugida;  
e feia e triste e desgarrada e manca,  
hoje confesso que fiquei vencida.

Agradecendo a quem me deu guarida  
e, quando pode, o meu gemido estanca,  
prossigo ainda bem-dizendo a vida,  
esperançosa, resoluta e franca.

Pastor do céu que todo o bem promove!  
Deixei-te perto e me perdi além!  
É noite escura, relampeja, chove.

Vem compassivo procurar-me, vem!  
Ao teu rebanho de noventa e nove,  
deixa que eu volte a completar as cem.

## O coração e os olhos

“Ama”, foi ordenado ao coração.  
“Vede e chorai”, aos olhos foi mandado.  
“De quem será maior o galardão”?  
Foi-lhes também um dia perguntado.

“Meu” disse o coração “Eu tenho amado”.  
“Nosso” os olhos disseram “A paixão,  
que em teu vibrar ansioso tens guardado,  
em nosso pranto achou consolação.

O coração, se deixa de viver,  
deixa de perceber, deixa de amar;  
entanto os olhos, não; podem sofrer,

podem extravasar-se e até murchar;  
cessam de fulgurar, cessam de ver,  
porém não cessam nunca de chorar.”

## O algodoeiro

O algodoeiro, sem que alguém lhe empreste  
as três cores de sua curta vida,  
ao nascer traz de verde colorida  
a tenra folha de esplendor agreste.

Se de lagarta não o assola a peste,  
e a chuva dá-lhe a natural bebida,  
cresce e conserva a mesma cor garrida,  
até que todo de ouro se reveste.

E a árvore, como esplêndida donzela,  
no luxo da roupagem amarela,  
de um noivado parece antegozar.

Então, num gesto sedutor e franco,  
toda se envolve num vestido branco,  
para depois ao homem se entregar.

## As duas gotas

No quarto de um enfermo, em tarde colorida,  
encontraram-se a sós, não sem surpresa e espanto,  
uma gota de sangue e uma gota de pranto,  
e a primeira falou, voz vibrante e atrevida:

“Eu sou o vigor do corpo, o movimento, a vida;  
sou no mundo animal, a sedução, o encanto;  
guardam-me os reis a cor na púrpura do manto;  
e tu, quem és?” pergunta à lágrima sofrida.

Ela não respondeu; e mal o sol raiou,  
débil por natureza, evaporou, sumiu;  
enquanto o sangue ao chão endureceu, secou.

Agora tem já feia e negra sua cor;  
entristece e repugna; e o pranto ao céu subiu  
para luzir depois no seio de uma flor.

## Cartas

Várias cartas trocamos noutros dias;  
eu, nas minhas, não disse que te amei;  
falava-te de flores, de poesias,  
de tanta coisa linda, que nem sei.

O amor que em tardes cálidas sonhei,  
guardei-o n'alma envolto em fantasias;  
para evitar desgostos que terias,  
somente eu soube o mal que a mim causei.

Carta de amor não vai pelo correio,  
profanaria o mais sagrado anseio.  
Quis dizer-te em palavras o que senti.

Uma carta se faz, e outra se pensa;  
guardei intacta essa afeição imensa  
na que pensei e nunca te escrevi.



## Aparência

Você não vê a Terra em movimento,  
a vibração, o som. Não lhe aparece  
o que resfria, movimenta e aquece.  
Não vê sequer seu próprio pensamento.

Nem o átomo enxerga, nem o vento,  
nem todo o corpo seu, nem como cresce,  
nem a causa de tudo o que acontece  
e se algo enxerga a mais é com instrumento.

Sinta o amor com pureza e retidão,  
procure entender bem quem fica mudo  
e valorize menos a visão.

Diante destas verdades que eu alego,  
entenderá que o sentimento é tudo  
e que afinal é quase cego.

## A gravata

Fui encontrar no chão, abandonada,  
certa gravata que te dei outrora  
e que, por estar feia e desbotada,  
deitaste a um canto, quando foste embora.

Ela foi como eu fui: a ti ligada  
por um abraço já desfeito agora;  
foi como eu fui: um dia desprezada.  
Não tive jeito de jogá-la fora.

Gostaste dela e dela desgostaste...  
Guardo-a comigo então, pois em verdade,  
tornei-me coisa que tu rejeitaste.

Hoje não sou mais uma; somos duas  
e valem nas horas de saudade,  
pobres gravatas que já foram tuas.

## Abandono

Tu me deixaste tudo o que possuías  
quando me pretendeste abandonar:  
todas as coisas do modesto lar,  
companheiras caladas dos teus dias.

E assim, talvez por tudo me deixar,  
também deixaste as tuas alegrias,  
que já me vieram todas procurar  
por não saber onde te encontrarias.

Tudo deixaste, tudo o que era teu  
quando a mim me deixavas, sem saber  
que eu era o maior bem que Deus te deu.

E deixei-te partir sem te dizer,  
que a tu'alma, o mais lindo sonho meu,  
não deixaste ficar por não a ter.

## Deixa-me só

Deixa-me só! Quero viver sozinha,  
conversar com o silêncio, no abandono;  
ter a saudade só como vizinha,  
ter um mundo só meu durante o sono.

Deixa-me só! Quero viver sem dono...  
minh'alma presa à tua se amesquinha.  
Quero pôr-me a mim mesma sobre um trono.  
Quero viver comigo e ser só minha.

Deixa-me só! E dize onde passares  
a todas as mulheres que encontrares,  
que eu já te quis, mas não te quero agora.

Vai-te, que o tempo todo mal consome.  
A ti te basta eu respeitar teu nome  
e a mim me chega o que me foste outrora.

## Escondida

Quando pequena, ainda bem criança,  
toda a vida eu levava em brincadeira;  
corriam a buscar-me à casa inteira,  
as meninas de toda a vizinhança.

Atrás da porta, embaixo da cadeira,  
era eu encontrada. Que folgança!  
Correria... algazarra... sem tardança,  
ia esconder-se alguma companheira.

Hoje no sazonar de nossas vidas,  
jogo às vezes sozinha, às escondidas,  
em noites melancólicas, de lua...

Numa alegria que não podes ver,  
a minh'alma brincando de esconder  
vai-se encolher todinha atrás da tua.

## Vergonha

“Menina!” disse alguém, no grande instante  
em que era dividido em dois um ser;  
E essa palavra, pelo mundo avante,  
foi o meu grande orgulho de viver.

Ser menina, ser moça, ser constante,  
ser caráter, ser honra, ser dever.  
Por mais tropeços que encontrasse adiante,  
eu nunca entristeci de ser mulher.

Mas veio o amor... veio a traição ferina...  
e todo o orgulho meu de ser menina,  
roubou-o a sorte malfadada e crua.

E veio a dor e veio a mágoa e o tédio  
e a vergonha escaldante e sem remédio,  
de ter sido mulher para ser tua.

*Mayá Devi de Oliveira*







## Desejos

Quisera que teu olhar se incandescesse  
E amornasse as mãos frias do sereno,  
Quando o sol se escondesse atrás da noite.  
Quisera!

Quisera que as tuas mãos se agigassem  
E ficassem prendendo a lua cheia,  
Quando um poeta em sombras se perdesse.  
Quisera!

Quisera que os lábios teus se entreabrissem  
E beijassem as flores desmaiadas,  
Que as loucuras do vento carregassem.  
Quisera!

E quisera bem mais,  
Se pudesse querer!

## Embaraço e controle

Chegaste na sutileza  
Daquela tarde azulada,  
E eu fiquei fria, parada,  
A duvidar da certeza.

Senti vigor e fraqueza,  
Tive a garganta apertada,  
Só a custo disse um nada:  
“Boa tarde, que surpresa!”...

És de casa, foste entrando,  
E eu logo, me controlando,  
falei-te: “Fica à vontade!”...

E já refeita e segura,  
Tirei da voz a ternura,  
Para esconder-te a verdade.

## Perguntas e respostas sobre uma união frustrada

- Foi ou não foi?
- Foi e não foi.

Foi porque nasceu;  
Não foi porque não floruiu.

Foi, porque começou a ser  
Pela força indomável do direito de ser.

Não foi, porque não acabou de ser  
Pela arbitrária do que não devia ser.

- Foi ou não foi?
- Foi e não foi.

Foi, porque começou em meu ser  
E desejou ser em teu ser,  
Da interpenetração do ser, a consumação mais  
perfeita.

Não foi, porque não pôde ser em teu ser,  
E precisava de teu ser,  
Para poder completamente ser.

- Foi ou não foi?
- Foi e não foi.

Foi e não foi,  
Porque devolvido de teu ser sem ter sido,  
Integrou-se para sempre em meu ser,  
A fim de, mesmo não sendo,  
Continuar eternamente a ser.

## História de uma palavra

Era o universo em gotas e era um nada;  
Uma tristeza feita de alegria;  
Simplicidade amena e complicada,  
No turbilhão febril do nosso dia.

Era uma estrela acesa e desmaiada;  
Uma canção calada de harmonia;  
Um pôr de sol se abrindo em madrugada;  
Uma lareira morna em tarde fria.

Era um segundo de um século no mundo;  
Era o amargor mais doce e mais profundo  
Que só nós dois no espaço compreendemos.

Era uma coisa nossa e desta vida;  
Era a renúncia em deusa convertida  
A palavra de amor que não dissemos.

## Súplica

Pelo aperto de mão de uma só vez,  
Mas que valeu por todas num segundo,  
Pelas promessas que você não fez  
Para tornar o afeto mais profundo.

Pela distância ingrata de altivez,  
Que nós guardamos com respeito ao mundo;  
Pelo primeiro olhar de insensatez,  
Que a renúncia tornou clarão fecundo.

Pelo primeiro sim, que foi mensagem;  
Pelo primeiro não, que foi coragem;

Pelo primeiro adeus, que foi canção,

Não me abandones nessa dor tão grande,  
Porque esse amor, que dentro em nós se expande,  
Mais que desejo, é força, é redenção.

## Natureza piedosa

Vi quando a noite foi entrando  
E um pedaço de lua muito rala  
Ficou de fora e penetrou no dia.

Vi quando a aurora veio fresca  
E deu mais verde ao verde das montanhas...

Vi quando o sol surgiu soberbo  
E fez calor no frio dos caminhos.

Vi quando as rosas despertaram  
E fecharam os olhos das aglaidas.

Vi.

Vi nas ruas tranquilas do meu bairro,  
A mais bela manhã de minha vida.

A natureza tinha as mãos mimosas  
E me afagava o peito em seus encantos.

E eu lhe ficava grata sem saber  
Que ela com tanto amor me entontecia,  
Para que eu não sentisse em tua voz  
A traição do “até logo” que era adeus.

## Defesa religiosa

Minha rua sem você,  
Minha casa sem você,  
Meus livros sem você.

E ninguém me lamenta...

Vou rezar terços por todos.

Meus sonhos sem você,  
Minhas mágoas sem você,  
Meus anseios sem você,  
Minha vida sem você.

E ninguém me consola...  
Vou rezar terços por todos.

Eu tropeço nas rodas do universo,  
Ele gira insensível sobre mim  
E ninguém me levanta, nem você.

As ruas são de granito,  
As casas são de granito,  
Os livros são de granito,  
Os amigos de granito.

Os sonhos são de granito,  
As mágoas são de granito,  
Os anseios de granito,  
A vida é de granito,  
E você é de granito.  
Só eu não sou de granito.

Vou rezar terços por todos,  
Mas um rosário por mim.

## Pedidos

Peçam ao sol que tome a cor das folhas  
Para não machucar meus olhos úmidos;  
E ao martelo que bata sons de paina  
Para não perturbar o meu desmaio.

Peçam à brisa que não me abandone  
Para manter sem dor os meus cabelos;  
E ao regato que pouse nos meus lábios  
Para acalmar o ardor da minha sede.

Peçam aos ramos que não se entrelacem  
Para que a inspiração não me estimule;  
E aos rochedos que digam frases duras  
Para que eu fique envolta no insensível.

Depois cubram meu leito de céus brancos  
E aos que de amor morreram façam preces,  
Suplicando que eu nunca mais desperte  
Se ele disser que o adeus não foi mentira.



## Não ser banal

Não ser banal não é viver buscando  
Um não sei quê de tudo diferente.  
Não é gritar, dizendo a toda gente  
Que o original só vive cultivando.

Não ser banal não é falar zombando  
De quem fala de amor abertamente;  
De quem escreve apenas o que sente,  
Pelo prazer de só viver vibrando.

Não ser banal não é mudar de plano.  
Não é reter nas mãos o que disperso.  
Não é quebrar a métrica de um verso.

Não ser banal, irmão, é ser humano.  
É distinguir o simples do vulgar.  
É sentir o profundo e meditar.

## És sempre igual

És sempre igual, não mudas nem de leve,  
Igual no riso, igual na voz pausada,  
Igual no olhar ardente de alvorada,  
Igual no andar viril de quem não deve.

És sempre igual no gesto vivo e breve,  
Na inteligência arguta e concentrada  
E nessa ideia forte e iluminada  
Que a contentar ninguém jamais se atreve.

És sempre igual na fibra resoluta.  
És sempre igual no brilho da conduta,  
De modo igual tratando a toda gente.

Em ti me encanta a perfeição da linha,  
Mas desejava - que loucura minha -  
Que para mim tu fosses diferente.

## Suprema saudade

Dos teus olhos que viam nos meus olhos  
O recesso das mágoas não contadas,  
Eu tenho saudade.

Do teu riso que nunca sarcasmo  
E que em fulgor queimava minha lágrima,  
Eu tenho saudade.

Da tua voz que sempre me dizia  
Tudo que todos nunca me falavam,  
Eu tenho saudade.

Das tuas mãos que aflitas me amparavam  
Quando covarde a terra me fugia,  
Eu tenho saudade.

Dos teus cuidados loucos, sem direito,  
Que a sensatez tornava só ternura,  
Eu tenho saudade.

Mas da saudade tua que era minha,  
Quando eu dizia adeus por alguns dias;  
Da saudade que nunca tu matavas,  
E que ao morrer em ti tornou-te ingrato,  
Mais que de tudo, amor, tenho saudade.

## Você também não sabe o que é ternura

Você também não sabe o que é ternura.  
Você também é gelo e displicência.  
Você também me diz com voz segura  
Um “como vai?” que destila ausência.

Você também despreza com brandura.  
Você também não sabe o que é clemência.  
Você também não ama e não procura  
Buscar da vida o amor, sublime essência.

Você também não sente o verso em brasa,  
Que em fervilhantes rimas extravasa  
A intrepidez febril de meu calor.

Mas eu que apenas de quimeras vivo,  
Em seu desprezo encontro lenitivo  
Para esquecer o meu primeiro amor.

## Juramento de um instante

Jurei um dia, com firmeza ardente,  
Não mais falar do meu ardente amor,  
E sepultar, num riso displicente,  
O meu primeiro e doido dissabor.

Jurei rasgar e não guardar na mente  
Os versos que escrevi com tanto ardor.  
Jurei tornar-te para sempre ausente  
E proferir teu nome sem rubor.

Jurei vencer e não ser mais vencida.  
Jurei do pranto não ser mais escrava.  
Jurei buscar da vida a própria vida.

Mas jurar com ânsia e com loucura,  
Vi que sem forças só de ti falava  
E de repente, amor, quebrei a jura.

## Intimação

Se tu não sentes, no romper da aurora,  
Uma carícia de frescor brotando;  
Se a tarde azul, que a escuridão devora,  
Nos braços teus não fica soluçando;

Se a face tua, de furor, não cora,  
Quando um soneto vês alguém rasgando;  
Se a dor alheia no teu ser não chora;  
Se a inspiração não vive em ti cantando;

Se não escreves, quando o amor te agita,  
Um verso doido de ternura aflita;  
Se uma saudade o riso não te afeta,

Despreza a rima e deixa em paz a pena.  
Reflete e vê que a empáfia te envenena,  
Pois nunca foste nem serás poeta.

## Diferença

Tudo ficou igual depois da diferença.

O azul do céu,  
O vinho do bar,  
O verde das folhas,  
A inspiração dos artistas.

Tudo ficou igual depois da diferença.

Ninguém perguntou,  
Ninguém respondeu,  
Ninguém lamentou,  
Ninguém compreendeu.

Tudo ficou igual depois da diferença.



Não mudaram verdades,  
Não mudaram mentiras,  
Não mudaram preconceitos.

Tudo ficou igual depois da diferença.

Só eu fiquei de tudo diferente.

Só eu senti de modo diferente.

O azul do céu,  
O vinho do bar,



O verde das folhas,  
A inspiração dos artistas.

Tudo ficou igual depois da diferença,  
Só eu fiquei de tudo diferente.  
Para manter bem viva a diferença  
Que, nesse igual banal, de nós tão diferente,  
Deixaste ao me deixar, por seres diferente.



## Cuidados

Vou levantar castelos de suspiros  
Para acalmar o choro das crianças;  
E cantar a canção do nosso adeus  
Para conter o grito dos adultos.

Vou fabricar um rádio sem volume  
Para tocar sonatas de silêncio;  
E fechar a janela do universo  
Para tecer penumbras em teu quarto.

Assim protegerei o teu descanso.  
Esquecerás a mágoa adormecendo  
Na infatigável paz do meu amor.

## Capricho

Alguém que andava às tontas pelo espaço  
A procurar cometas sem destino;  
Alguém que, no calor de um leve abraço,  
Fortalecia o tronco mais franzino.

Alguém que tinha o peito aberto em laço  
Para envolver o imenso e o pequenino;  
Alguém que tinha o mundo em seu regaço,  
E que à miragem dava um dom divino.

Alguém que nunca estava abandonado,  
Pois era o deus capricho humanizado  
E a si prendia a deusa mais fremente.

Num de seus dias férteis de aventuras,  
Fez a maior de todas as loucuras  
E pôs o amor no coração da gente.

## Pequena confissão negativa do poeta



Nunca deixei de receber  
Em meus braços uma noite cansada  
E jamais consenti que o sol nascesse  
Sem dar-lhe a mão no horizonte.

Nunca uma flor veio ao mundo  
Sem que eu lhe desse uma trova,  
Nem cometa errou sem rumo,  
Enquanto eu tive morada.

Nunca dormi quando a lua,  
De olhos abertos, rondava  
E nunca ousei despertar  
Quando o mar me adormecia.

Jamais proferi palavras  
Que não fossem moduladas;  
Jamais teci pensamentos  
Sem os fios da cadência.

Nunca a penumbra de um bar  
Deixei de cobrir de versos;  
Nunca deixei de chorar  
Quando uma taça tombava.



Nunca deixei de cismar,  
Nunca deixei de escrever,  
Nunca pisei na inspiração.

Nunca matei sorriso ou lágrima  
E nunca, acima de tudo,  
Deixei de amar o amor.

## Medos

Tenho medo de achar-te novamente  
no turbilhão do instante inesperado;  
no embaraço do gesto sem cuidado,  
tentando em vão ficar indiferente.

Tenho medo de ter-te assim presente;  
com teu olhar atento e disfarçado;  
com teu desejo aceso e controlado;  
com teu silêncio que é palavra ardente.

Tenho medo das coisas sugeridas;  
das verdades que brotam nas miragens;  
tenho medo das ânsias incontidas.

Tenho medo da morte do segredo;  
da irracional volúpia sem mensagens;  
e tenho medo, enfim, de não ter medo.

## Amo-te

Amo-te;  
amo-te quando o dia amanhece;  
quando o clarão travesso da alvorada  
brinca de avermelhar num riso ardente  
a escuridão do céu, do mar, da terra.

Amo-te;  
amo-te quando o sol vem surgindo;  
quando a relva desperta umedecida  
num verde suspirar que fala de esperança.

Amo-te;  
amo-te quando a vida começa;  
quando a cidade fica fervilhando  
num burburinho quente de trabalho.

Amo-te;  
amo-te sem querer amar-te, o dia inteiro;  
e, até quando anoitece, amo-te ainda;  
na carícia rosada do crepúsculo;  
no cintilar mimoso das estrelas;  
e na ternura azul que vem da lua.

Amo-te;  
amo-te tanto e tanto,  
que, mesmo ao ser vencida pelo sono,  
já não te posso ter de mim ausente  
e vou viver contigo, adormecida.

*Virginia Vendramini*







## Pontes

Entre a fome e o alimento - o Trabalho

Entre o anzol e o peixe - a Isca

Entre o povo e os governantes - as Promessas

Entre a verdade e a mentira - o Medo

Entre a paz e as guerras - o Ódio

Entre o passado e o presente - a História

Entre a semente e os frutos - as Flores

Entre o discípulo e o mestre - o Livro

Entre Deus e a humanidade - a Prece

Entre a chegada e a festa - a Espera

Entre o champanha e o brinde - a Taça

Entre a valsa e a dança - o Abraço

Entre a terra e o céu - as Asas

Entre todas as distâncias - a PALAVRA

## Plenitude

Não, nada quero que não seja inteiro,  
Que não traga consigo o bem e o mal.  
Quero de cada ser, de cada coisa  
As qualidades todas e os defeitos.

Quero os jardins com insetos e flores,  
A casa bela que requer reparos,  
Quero as sementes e os frutos maduros,  
As pedras dos caminhos e a chegada.

De nada quero ver só uma face.  
Quero ver o lado oculto da lua  
E descobrir o avesso da história...  
Jogar a sorte na cara ou coroa.

Nada quero que seja só metade.  
Quero das noites o sono e a vigília,  
Do amor eu quero a volúpia e a saudade,  
Quero provar da vida o amargo e o doce.

Não, nada quero que não seja inteiro,  
A revolta, a dor, a alegria.  
Eu quero a dúvida e depois a crença,  
Preciso enfim que tudo seja pleno.

## Biografia de um brasileiro

Chamava-se João  
Ou seria José  
A mãe era Maria  
O pai ninguém sabia

Analfabeto ou quase  
Garatujava o nome  
Médico nunca viu

Catador de papel  
Servente de obra  
Sem qualificação  
Sem carteira assinada

Ontem caiu do andaime  
“Bêbado no trabalho”  
E João (ou seria José?)  
Morreu como viveu  
Anônimo  
Ignorado

## Custos

Nada no mundo é de graça.

Pago a vida que recebo:

O sonho de cada dia,

O pão, a água que bebo,

Cada gota de alegria,

O vinho de cada taça...

Seja à vista, seja a prazo,

Tudo no mundo tem custo,

Em moeda ou sofrimento...

Cada rosa, cada abraço,

O sol, a chuva, o vento.

O preço nem sempre é justo.

## Magia das mãos

Mãos são seres quase à parte.  
Têm mistérios, têm segredos...  
São fontes do bem e do mal.  
Há mãos que pedem e que doam,  
Que acariciam e ferem,  
Mãos que mutilam, que curam,  
Que assinam sentenças de morte.

Há mãos que colhem os frutos,  
Que preparam o alimento,  
Que rejeitam, que acolhem,  
Que fazem do silêncio música,  
Que aprisionam o belo  
Em cada obra de arte.

Mãos são seres quase mágicos.  
Senhoras de tantos talentos,  
Dádiva ao homem concedida  
Para que mostre sua alma.  
Mãos, ferramentas de Deus,  
Espelho de sentimentos.

## Poema lúcido

Cada momento é vida.  
Cada momento é único.  
Cada momento é morte.  
Viver requer lucidez,  
Olhos abertos, mente alerta.

Nem drinques, nem drogas,  
Nem mesmo um cigarro...  
Que nada perturbe a perfeição do sonho,  
A nitidez da dor,  
O horror da realidade.  
Que tudo seja lúcido,  
Límpido, real!  
A rosa e sua cor,  
Seu espinho e seu aroma,  
A noite e seus segredos,  
Seus crimes e seus medos,  
O amante e seus abraços,  
Seus agravos e defeitos.  
A vida exige claridade.  
Que não haja nuvens no horizonte  
Nem névoa nas consciências.  
Olho no olho,  
Sem sombras nem disfarces,  
Pés bem firmes no chão.  
A vida é a lucidez.

## Poema perplexo

Nojo e medo no cotidiano banal  
Pressinto um poema aflito  
No caos urbano que me enreda  
Na rotina do trajeto  
No roteiro da tragédia  
Na trama de cada história

Sou dúvida  
Sou pânico  
Sou quase incoerência

A vida cintila  
Oscila e vacila  
O agora é só uma bolha  
Frágil e breve  
O próximo passo um risco  
O depois uma tela escura  
Nem certezas, nem saberes  
Só ausência  
Só distância

A cada passo  
Em cada esquina  
Nojo e medo nos enredos

Nas fotos e nas manchetes  
A vida vacila  
A morte cintila

## Réveillon

Viajam nas ondas  
Perfumes e rosas,  
Levando pedidos,  
Desejos secretos...  
Quem ouve essas vozes?  
Quem cumpre os designios?

A noite se enfeita,  
Se enfeitam as gentes...  
Estrelas e deuses  
Escutam apelos...  
Quem são esses crentes?

Queimam fogos, queimam sonhos,  
Vai-se a Lua, murcham flores...  
O que sobra, quem recolhe?  
Quem resgata os afogados?  
Quem cobre os rostos dos mortos?

Porque depois da festa  
O que é que nos resta?  
Na manhã tão incerta  
A vida deserta  
Depois da bebida,  
Que gosto é o que fica?  
O amargo na boca,  
A esperança perdida...



## Adriano

Menininho que nasce com fome  
De ar, de sol, de amor,  
Que pede cuidados,  
Que exige atenção,  
Aprende o teu nome,  
Começa uma história...

Menininho que dorme tranquilo  
No colo da vida,  
Que guarda em teus genes  
Antigas memórias,  
Abraça o futuro  
Com braços de atleta  
E em laços de afeto  
Encanta o presente.

Menininho que chora no berço,  
Pedindo alimento,  
Querendo consolo,  
Aprende depressa  
Que o tempo não para,  
Que a vida é um mistério  
Que assusta, que aflige,  
Mas crescer vale a pena!...

Poema para quem vai partir  
ou  
Último aniversário

Tanto tempo, tantas décadas...  
Finalmente mais um aniversário.  
Presenças, presentes, irrelevâncias  
e no champanha um gosto de fracasso.

Não importa a hora que passa depressa.  
O dia que chega e se vai sem cor.  
Nem mesmo a noite vazia de sonhos,  
Importa só o que virá depois.

O caminho percorrido foi longo.  
Mudou o mundo, se foram os amigos  
Rostos, vozes, retalhos na memória,  
De uma história que não vai ser contada.

O caminho em frente segue rumo ao oeste.  
Será curta a viagem, solitária.  
A verdade, quem sabe, na chegada.  
Na chegada, quem sabe, só o nada.



## Retratos de uma cidade

Enquanto o dia amanhece  
Na cidade que não dorme,  
A mídia grita notícias  
As manchetes são retratos  
Do dia a dia banal.  
Morte, figura central.

Enquanto acordo com medo,  
Refém de meus pesadelos,  
O dia revela segredos.  
De tantas vidas perdidas,  
Tantas histórias sofridas  
Que ninguém escreverá.

O dia passa depressa,  
O tempo se vai. Não chego.  
Perco a hora, o compromisso,  
A paciência, o juízo.  
Me perco na multidão  
Sou quase nada, ninguém,  
Sou cidadão indefeso,  
Sem paz, sem voz, sem razão.

Enquanto fico acordada  
No pesadelo da insônia,  
A noite esconde tragédias:  
Tráfico, estupro, miséria.



A cidade que era bela  
Se agita, vibra em conflitos,  
Em permanente agonia.  
Atritos. Tiros. Distritos.  
Na cidade quase lixo.

Na noite sem poesia,  
Os sonhos viram detritos.

## **Avesso**

Conheço de perto o avesso da esperança.  
É escuro e áspero como o interior de uma forna  
Cavada na montanha íngreme.

Conheço bem o silêncio rude  
Das paredes talhadas na pedra,  
Em ângulos cortantes, pontiagudos,  
Que ferem, que dilaceram a vontade.

Conheço bem demais o horror gelado  
Dessa insólita prisão sem grades,  
Sem janelas ou portas trancadas,  
Sem uma fresta por onde entre o sol,  
Por onde escape meu grito de desespero.

Conheço a angústia de me debater  
Nas correntes dos meus próprios medos,  
Negando-me a chance de um socorro,  
Carcereira que sou de mim mesma.

## O melhor licor

Quando chegas com esse teu jeito  
de quem tem fome e sede de amor,  
Preparo-me com todo o requinte  
E te sirvo meu melhor licor.

Assim, antecipando a delícia  
Do momento desfrutado a dois,  
No perfume que vem da bebida,  
Saboreio o que virá depois.

Usando meu beijo como cálice,  
Dou-te esse licor misterioso...  
E logo buscamos outra dose,  
Tão ardente é, tão saboroso...

E bebemos cálice após cálice,  
Gota a gota o mágico veneno  
Que depressa nos invade o sangue,  
Unindo-nos num abraço pleno.

Então, mentes e corpos fundidos  
Na mesma embriaguez, mesma urgência,  
Bebemos num só gole o que resta,  
Felizes em nossa inconsciência.

## O maior momento

Há um momento no amor  
Em que o mundo não há.  
Em que o universo  
É síntese de dois corpos  
Que comungam no altar da mesma ânsia.

Há um momento no amor  
Em que o espaço  
Cabe todo num abraço,  
Em que o tempo é minuto e eternidade...  
E Deus, Deus esquece as Tábuas da Lei  
Para que o pecado deixe de ser pecado.

## Deo gratias

Graças, meu Deus, por tudo ser transitório...  
Mesmo a chuva mansa e benfazeja  
Que vem de noite e leva consigo  
O desconforto do verão,  
Mesmo as flores com seus aromas...

Graças pelo vento travesso  
Que de vez em quando  
Indiscreto, invade a casa,  
Espalhando meus poemas.

Graças, meu Deus, porque tudo se renova,  
Porque o outono sempre volta  
E traz o inverno a seguir,  
Com promessas de primavera...

Graças por nada ser eterno,  
Pelo fim inevitável,  
Pelo constante recomeçar  
E o renascer diário da esperança...



## Todas as mães

Mães não são criaturas perfeitas.  
São apenas mulheres  
Com defeitos e qualidades,  
Traumas, desgostos e desejos,  
Como qualquer ser humano.

As mães não se tornam santas  
Só porque geraram um filho,  
Nem se modifica por isso  
A essência de seu caráter.

Às vezes é difícil amá-las,  
Entendê-las ou simplesmente aceitá-las.  
Outras vezes é preciso perdoá-las.  
Esquecê-las, porém, é impossível.

Podem ser anjos que velam,  
Algozes ou carcereiras,  
Podem ser cumplicidade,  
Compreensão, tolerância,  
Doce presença que afaga,  
Que também tolhe e cerceia.

Mães não são criaturas perfeitas.  
Erram, acertam, dizem tolices,  
Abandonam e são abandonadas...  
Não são exemplos de amores perfeitos.  
Mas quando se tornam ausência,  
Aquele ausência que nada preenche,  
Todas elas viram saudade.

## Visita de Natal

É tempo de voltar no tempo,  
De rever antigas paisagens  
E ainda uma vez abraçar nossos maiores.  
É tempo de partidas e de chegadas,  
De reencontros breves e despedidas.

É tempo sobretudo de deixar que acordem  
As velhas lembranças e a saudade aflore,  
Fardos que às vezes pesam mais  
Do que malas e bagagens,  
Mas que não podemos deixar para trás  
Esquecidos na confusão do embarque.

É para isto que serve o Natal:  
Para lembrar e ter saudade,  
Para um mergulho no passado,  
Quando ainda existiam sonhos,  
Para pedir perdão no silêncio de um abraço  
E em silêncio ser perdoado  
Do imperdoável pecado da ausência.

## O deus de todos nós

Tempo é deus singular que nada pede.  
Sendo imortal, se gasta e se renova.  
Jamais castiga aquele que se excede  
E nem de amor exige qualquer prova.

Tempo é deus justo, deus onipotente  
Que apaga traumas, leva-nos à glória,  
Comédia e drama escreve num repente  
Nas tão incertas páginas da história.

De forma igual tratando a toda a gente,  
Deixa seu traço em tudo o que se vê.  
Da lua nova faz lua crescente.

De uma semente cria um belo ipê.  
Do rio muda o rumo da corrente  
E o mundo inteiro em sua força crê.

## Tudo o que não há mais

Flutua no céu a lua,  
Antiga deusa morta,  
Rainha deposta,  
Hoje retalhada ao telescópio  
Em mares secos e crateras.

Flutuam no céu estrelas cadentes,  
Restos da cauda de um cometa,  
Cintilações de astros mortos,  
Poeira de velhos sóis,  
Crenças, mitos e lendas.

Flutuam no céu aviões da Panair,  
Anjos barrocos e madonas  
Roubados de Minas Gerais,  
A esperança verde-amarela  
De riqueza e liberdade...

Flutua no céu afinal  
Tudo o que não há mais,  
Que agora só existe  
Na saudade e na História.

## Declaração de bens

A quem interessar possa, eu declaro,  
Item por item, sem nada omitir,  
A relação de todos os tesouros  
Que pouco a pouco consegui juntar,  
Dia após dia, na tarefa árdua  
De compreender e aceitar a vida.

Tenho, pelas manhãs, além do sol,  
O leite, o pão, a hora do trabalho,  
Presentes que recebo agradecida.  
Tenho, se quiser, mais três refeições,  
Uma casa para onde voltar,  
Um quarto só meu, cama e lençóis limpos.

Nas janelas eu tenho violetas  
E ao meu dispor livros, discos e notícias.  
Joias e coisas de luxo não tenho.  
Conto, porém, com o agasalho certo  
E quase sempre com um braço amigo,  
Quando tudo me parece difícil.

Tenho a bênção das noites silenciosas  
Acalentando meu sono ou vigília,  
Toda ternura e beleza do mundo  
Alimentando minha poesia.  
Tenho afinal um grande amor perfeito  
De todos os meus bens o que é mais caro.

## Mercador de raridades

Compro com urgência e por qualquer preço  
Qualquer um desses artigos tão raros:  
Um poema de amor que ao mesmo tempo  
Seja sincero, original e belo,  
Um contador de história que não minta,  
Políticos de consciência limpa.

Compro também, se houver no mercado,  
Solidariedade e amor ao próximo,  
Assim como respeito e lealdade  
E um pouquinho de fé, se for possível,  
Para tudo dividir entre os povos.  
Pago à vista, sem pedir abatimento.

Compro ainda para consumo próprio  
Toda a alegria que existir à venda,  
Momentos de paz e grãos de esperança...  
E pago o dobro do meu peso em ouro  
A quem me possa entregar sem demora  
Alguns farrapos de felicidade...

# *Biografias*









*Benedicta de Mello*



Benedicta foi registrada como nascida no Rio de Janeiro, mas é natural de Vicência, Pernambuco. Membro de uma família numerosa, viveu os primeiros anos nessa pequena cidade pernambucana. Começou a fazer versos, ainda na infância, inspirada nos repentistas de sua terra natal. Determinada, saiu de Pernambuco e superou muitos obstáculos até chegar ao Instituto Benjamin Constant em 1920, onde se instruiu, se educou e fez-se professora. Dedicou-se com empenho à melhoria da qualidade de vida de crianças e jovens cegos de Pernambuco, trazendo-os para se educarem no Instituto Benjamin Constant. Em 1935, publicou seu primeiro



livro: *Lanterna acesa*. Seguiram-se: *Sol nas Trevas*, *Luz da Minha Vida*, *Luz Interior e Lâmpadas Coloridas*. Dominava a arte do soneto. Seu nome foi cogitado para a Academia Brasileira de Letras, face à qualidade, força e beleza de seus versos. Morreu em 1991.



*Mayá Devi de Oliveira*



Nasceu em 01 de janeiro de 1929 no Rio de Janeiro. Matriculou-se no Instituto Benjamin Constant em 1948, habilitando-se para seguir a carreira acadêmica. Em 1955, tornou-se professora do IBC. Formada em História e Filosofia, lecionou a disciplina de História por mais de 25 anos. Ao aposentar-se, continuou a atuar como voluntária no IBC, mediando as visitas guiadas na Instituição. Prestou, também, serviço voluntário durante vários anos no Centro de Valorização da Vida (CVI). Atuou, ainda, como docente na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, no projeto Universidade da Terceira Idade.



A poesia sempre foi sua paixão. Publicou quatro livros entre 1963 e 1998: *Suspiros da Madrugada*, *Mensagens da Madrugada*, *Alvorada e Amanhecer*. Mayá faleceu em 10 de setembro de 2007, deixando em todos a saudade da mulher que nos presenteou com seus poemas de grande sensibilidade e beleza.





*Virgínia Vendramini*



Nasceu em Presidente Prudente - SP - em 1945. Aos 16 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, matriculando-se no Instituto Benjamin Constant, escola especializada na educação de cegos e amblíopes.

Sempre gostou de escrever, tendo publicado cinco livros de poemas: *Rosas não*, *Primavera urbana*, *Hora do arco-íris* (prêmio Murilo Mendes, no concurso Livros Inéditos, da Ed. Alba), *Matizes* (prêmio Blocos de Poesia) e *Trajetória*.

Seu trabalho com tapetes começou em 1973, mas apenas na década de 1990 sentiu-se segura para expor suas tapeçarias, que idealiza e executa segundo técnica por ela mesma desenvolvida.



Totalmente cega desde os 16 anos, usa a memória de cores e formas em suas telas, que vem expondo desde 1994, em mostras individuais e coletivas.

Buscando novas formas de expressão, começou, em 2000, a trabalhar com tinta acrílica, pintando com as mãos.

Em 2003, a escultura em cerâmica passou a fazer parte de seu dia a dia, com forte tendência para formas abstratas. A escultura em bronze foi seu próximo passo na busca do belo.

O principal objetivo de sua obra é mostrar que grandes barreiras podem ser vencidas, quando existem determinação e um pouco de talento.